



## A IMPORTÂNCIA DAS OFICINAS DE EXPRESSIVIDADE PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR

Flávia Fialho Cronemberger<sup>12</sup>

**Introdução:** Na Fonoaudiologia, contemplam-se ações educativas grupais em voz, tanto de sujeitos que fazem uso cotidiano da voz (PENTEADO 2005; 2015), quanto daqueles que fazem ou farão uso profissional da mesma, encontrando na voz e em diferentes recursos expressivos uma importante ferramenta de trabalho (AZEVEDO et al, 2009; NEIVA et al, 2016). Verificam-se poucas pesquisas que abordem trabalhos com estudantes universitários, principalmente aqueles que terão na voz e no uso de diferentes recursos expressivos uma importante ferramenta de trabalho. Entende-se que cabem, no processo de formação dos estudantes universitários, ações que os ajudem a pensar na importância da expressividade, constituindo e construindo as mais distintas relações, visando otimizar e/ou transformar seus recursos expressivos (verbais, vocais e não verbais), tornando suas interações mais produtivas e efetivas. Em tempo, é importante atentar à escuta dos recursos expressivos utilizados pelos interlocutores com os quais se interage, aspectos que contribuem na construção de uma troca e interação mais efetivas. Entende-se que o trabalho fonoaudiológico com os estudantes universitários envolve pensar a expressividade fazendo parte do “movimento incessante da linguagem” (MÄRTZ, 1999, p. 207), construindo interações que podem aproximar e/ou distanciar o outro, e, nesse sentido, contribuir para o desenvolvimento amplo do sujeito, sua formação e humanização (PENTEADO E GHIRARDI, 2017).

O objetivo desse trabalho é relatar a experiência de uma oficina de expressividade com estudantes universitários, tendo nos estudos bakhtinianos um importante aporte teórico para esse tipo de ação. A oficina foi desenvolvida através de uma abordagem educativa grupal que sustenta-se em uma concepção discursiva e interacionista da linguagem, alinhada à perspectiva sócio histórica (PANHOCA, 1999, 2003) - contexto importante para que práticas significativas de linguagem sejam vivenciadas, partilhadas, resgatando, no espaço da interlocução, o papel do sujeito que se constitui na relação com o(s) outro(s), gerando ganhos e transformações para todos os participantes do grupo (SIGNOR e BERBERIAN, 2012; MACHADO et al, 2017). A proposta envolve uma maior conscientização dos estudantes acerca do vaivém da linguagem e

---

1

Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, flaviafialho68@gmail.com.

<sup>2</sup> Resumo resultado de projeto de extensão

da riqueza da expressividade nesse movimento, visando uma melhor compreensão de si, das suas interações e a busca pelo aprimoramento dos recursos expressivos, tornando a comunicação mais efetiva e empática com o outro.

A formação do grupo aconteceu no contexto de um projeto de extensão. O projeto tem como principal proposta realizar oficinas em expressividade para pessoas que tem interesse em conhecer melhor seus recursos expressivos e aprimorá-los. Essas ações vêm sendo sinalizadas como práticas importantes em Fonoaudiologia para a promoção da saúde e da comunicação, tanto para estudantes universitários como para professores e diferentes categorias profissionais, que tem na comunicação uma importante ferramenta de trabalho. A oficina foi desenvolvida em 10 encontros semanais, com duração de 90 minutos cada. Abordaram-se diferentes temáticas: estudos sobre a expressividade em diferentes contextos; auto-observações dos participantes sobre suas habilidades comunicativas; percepções da intencionalidade do discurso e da expressividade na relação com o outro; orientações e práticas visando melhorar a performance comunicativa de cada sujeito. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição em que foi realizada a intervenção, sob o parecer 4.174.336.

**Resultados e discussão:** Nos primeiros encontros, a docente apresentou a oficina, conheceu os participantes e conversou sobre a temática da expressividade. Os alunos foram levados a pensar nos recursos expressivos, dando movimento e vida ao que se quer dizer, contribuindo para valorar e significar a posição do sujeito no enunciado. Refletiu-se sobre diferentes recursos verbais, vocais e não verbais (KYRILLOS et al, 2003; KOVALLIC et al, 2020), percebidos no discurso de cada sujeito. Trouxeram-se exemplos do dia a dia para mostrar a força da escolha desses recursos, valorando diferentes enunciados, ao tempo em que apontavam aproximações e distanciamentos dos interlocutores, em diferentes contextos de produção, frente ao uso de distintos aspectos expressivos. Observou-se que, no momento em que um participante lembrava uma história, suscitava no outro a recordação de outro evento, socializado no grupo. Momentos de partilha, leveza, risadas que foram trazendo à tona a força dos recursos expressivos valorando os discursos e provocando reações nos seus interlocutores. O trabalho em grupo (PANHOCA, 1999, 2003) mostrou-se um contexto poderoso para o aprimoramento, transformação da linguagem, dos recursos expressivos e atitudes partilhadas pelos diversos membros do grupo. Solicitou-se aos participantes que ficassem atentos à forma de eles interagirem, observando como estavam utilizando seus recursos expressivos em diferentes contextos no dia a dia e as reações dos interlocutores aos seus enunciados. Em tempo, que atentassem para o discurso do outro, identificando aspectos expressivos e até o próprio silêncio que lhes valorassem diferentes

sensações, emoções e intenções, favorecendo o aprendizado de um escuta mais ativa e acolhedora (MESQUITA e CARVALHO, 2014).

Em outros encontros, decidiu-se propor uma auto avaliação dos participantes acerca do uso dos seus recursos expressivos, além de trazerem percepções sobre a intencionalidade do discurso e do uso da expressividade na relação com o outro. Houve demandas, principalmente acerca do medo de falar em público, velocidade de fala aumentada e dificuldade de se expressar e ser compreendido pelo interlocutor. Verificou-se que muitos acabaram por subestimar suas habilidades discursivas, desvalorizando suas performances e escolhas de recursos expressivos. Houve relatos enquadrando o uso de determinados recursos expressivos dentro ou fora de um padrão ideal, aspecto que se relaciona, como aponta Oliveira e Friedman (2006), a uma forma de entender o dizer do outro, destacando-o de um contexto maior. Nesses momentos, os discentes foram levados a refletir acerca do contexto de produção envolvido na construção daqueles discursos, fazendo-os pensarem acerca da produção dos enunciados: interlocutores presentes, passados e futuros, a posição que o sujeito se coloca e posiciona seu interlocutor no momento de enunciar, o projeto enunciativo ao falar, as diferentes “vozes” que contribuem para que o enunciado seja veiculado de uma determinada maneira (BAKHTIN, 2003; VOLOSHINOV, 2010), com determinados recursos expressivos. O principal ponto foi levar os sujeitos a refletirem e perceberem as relações interacionais vividas e experimentadas por cada um, que ajudaram a construir cada discurso de forma singular. Ou seja, os recursos expressivos sendo pensados como lugar da constituição e manifestação da subjetividade de cada um (MÄRTZ, 1999, 2004). Foi a partir de trocas e partilhas em grupo, e até fora dos encontros, que a docente retomou dizeres e os ressignificou com os participantes, compreendendo padrões de expressividade usados por eles e juntos pensaram o aprofundamento em alguns aspectos mais técnicos, otimizando recursos e buscando novas possibilidades expressivas. Nos últimos encontros, o objetivo foi trabalhar com diferentes técnicas, visando melhorar as habilidades comunicativas dos participantes. E, nessa perspectiva, foi abordada, por exemplo, a questão da articulação - parâmetro que muitos participantes relataram precisar melhorar. Tal aspecto pode impedir a clareza dos sons emitidos, dificultando a compreensão do que está sendo dito pelo interlocutor e a credibilidade da mensagem (BEHLAU, 2005; KYRILLOS, 2005). Foram utilizadas diferentes práticas que contribuiriam para tornar a emissão mais clara, a velocidade de fala mais equilibrada ao contexto, melhorar a ressonância, a coordenação pneumofonoarticulatória, chegando a dar mais vida a expressão facial (BEHLAU, 2005; KYRILLOS, 2005). Em todas as técnicas, trabalhou-se o contato do paciente com seu próprio corpo, sustentando a experiência do exercício e acolhendo suas descobertas, como preconizado

por Märtz (2020). Dialogou-se que, além do treino, fazia-se necessário repensar relações, interações e comportamentos que, muitas vezes, levavam a estados de estresse, medo e ansiedade e tencionavam estruturas do trato vocal e do corpo, aspectos apontados por Märtz (1999, 2004, 2020) ao pensar um processo terapêutico que trabalha a voz em uma perspectiva social.

O último encontro objetivou uma devolutiva da vivência no grupo. A maioria dos alunos deu um retorno positivo, principalmente como processo de construção conjunta, onde os participantes se influenciaram mutuamente com suas histórias, seus posicionamentos, suas reflexões, reconstruindo e ressignificando concepções e conhecimentos acerca da linguagem e da expressividade. Ao se perceber melhor e reconhecer a singularidade do outro no grupo, abriu-se espaço para mais trocas interpessoais e escutas mais significativas e acolhedoras. Ao final da oficina, relataram estar mais conscientes das suas habilidades comunicativas, apontando a necessidade de continuar a desenvolvê-las e melhorá-las. Como pontua Mirashi e Novaes (2001), o entendimento da dinâmica das relações humanas propicia um amadurecimento e crescimento do futuro profissional. Percebe-se também que o uso da expressividade de forma consciente nas relações propicia uma comunicação mais efetiva, buscando por uma troca mais harmônica com o interlocutor.

**Considerações Finais.** O trabalho com a oficina de expressividade realizada com estudantes universitários, tendo como suporte teórico a filosofia bakhtiniana, mostrou-se de grande valia, tornando os sujeitos mais acolhedores e atentos aos enunciados proferidos pelo outro, transformando e ampliando suas próprias habilidades de interação e comunicação, melhorando a qualidade de vida dos sujeitos.

**Palavras-chave:** expressividade, voz, formação inicial; oficina; Fonoaudiologia

### **Referências Bibliográficas:**

AZEVEDO, J.B.M.; FERREIRA, L.P.; KYRILLOS, L.R. Julgamento de telespectadores a partir de uma proposta de intervenção fonoaudiológica com telejornalistas. *Distúrbios Comum*. Abr-Jun, 2009; 11(2): 281-89.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.N. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BEHLAU, M. *Voz: o livro do especialista*, volume II. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

KOVALICK, R. *et al.* *Seja inesquecível: acabe com o medo, domine a linguagem corporal e vocal e use a neurociências para expressar ideias e encantar qualquer público*. São Paulo: editora Gente. 2020.

KYRILLOS, L.; COTES, C.; FEIJÓ, D. *Voz e corpo na TV*. São Paulo: Globo, 2003.

KYRILLOS, L.R. A expressividade nas empresas: dos workshops aos media training. In: KYRILLOS, L.R, org. *Expressividade: da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 267-84.

MACHADO, M.L.CA.; BERBERIAN, A.P.; MASSI, G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: SANTANA, A.P *et al*, orgs. *Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007, p.58-79.

MÄRTZ, M.L.W. Algumas reflexões sobre a terapia da voz. *Distúrbios Comum*. Jun, 1999; 10(2): 205-11.

MÄRTZ, M.L.W. Alterações de voz e gagueira: problemas de linguagem? *Distúrbios Comum*. Agosto, 2004; 16(2): 241-5.

MÄRTZ, M.L.W. *Corpo, voz, linguagem: expressões da subjetividade*. XV Seminário de Voz da PUC-SP; 2005.

MESQUITA, A.C.; CARVALHO, E.C. A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativa. *Rev Esc Enferm USP*. 2014; 48(6): 1127-36.

MIRASHI, D.D.; NOVAES, B.C. Transformação e formação: o aluno-fonoaudiólogo. In: PASSOS, M.C.P, org. *A clínica fonoaudiológica em questão*. São Paulo: Plexus editora, 2001. p. 125-2.



- NEIVA, T.M.A.; GAMA, A.C.C.; TEIXEIRA, L.C. Expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. *Rev. CEFAC*. Mar-Abr, 2016; 18(2): 406-507.
- OLIVEIRA, O.S, FRIEDMAN, S. A clínica da gagueira: diferentes paradigmas e suas consequências. *Cadernos da Fonoaudiólogo*. 2006; 1: 7-13.
- PANHOCA, I. O grupo terapêutico-fonoaudiológico e a literatura infantil – constituindo um saber. *Distúrbios Comum*. 1999; 11(1): 29-57.
- PANHOCA, I.; LEITE, A.P.D. A constituição dos sujeitos no grupo terapêutico fonoaudiológico: identidade e subjetividade no universo da clínica fonoaudiológica. *Distúrbios Comum*. Dez, 2003; 15(2): 289-308.
- PENTEADO, R.Z *et al.* Saúde vocal: pensando a ação educativa nos grupos de vivência de voz. *Saúde Rev*. 2005; 7(16): 55-61.
- PENTEADO, R.Z.; SANTOS, V.B. Ações educativas em grupos de vivência de voz. *Distúrbios Comum*. Jun, 2015; 27(2): 253-63.
- PENTEADO, R.Z.; GHIRARDI, A.C.A.M. Fonoaudiologia nas práticas educacionais de formação de jornalistas: estudo de revisão. *Distúrbios Comum*. Set, 2017; 29(3): 487-97.
- SIGNOR, R.; BERBERIAN, A.P. Terapia em grupo voltada a linguagem escrita: uma proposta com base nos gêneros da escrita. In: BERBERIAN, A.P.; SANTANA, A.P, orgs. *Fonoaudiologia em contextos grupais: referenciais teóricos e práticos*. São Paulo: Plexus editora, 2012. p. 9-32.